

Dupla: “O amor e o Exílio”

Coordenadoras: *Gabriela Basz, Rita Saposnik*

Integrantes: *Marisa Morao, Marisa Chamizo, Andrea Berger Alejandra Glaze, Paula Vallejo, Luis Martínez, Lucas Leserre, Gustavo Moreno, Marcela Ruda, Violeta Paolini, Silvia de Luca, Jorge Ricardo Rodríguez, Jaky Lejbowicz, María Pérez Duhalde, Ezequiel Argaña.*

Amor e Exílio, um par disparatado

A partir do trabalho de investigação que nos reuniu para o X Enapol, procuramos situar a problemática do amor em relação ao binário amor-exílio a partir de diferentes eixos de análise. Nos perguntamos como essa relação se manifesta nas modalidades contemporâneas dos laços.

Uma passagem pela clínica nos permitiu abordar testemunhos de passe, material da nossa prática, com assim também uma série de ficção.

O ponto de partida foi a seguinte citação do Seminário 20, verdadeira âncora do nosso percurso, onde encontramos que Lacan relaciona os dois termos:

“A contingência, eu a encarnei no *pára de não se escrever*. Pois aí não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual. Não é o mesmo que dizer que é somente pelo afeto que resulta dessa hiância que algo se encontra, que pode variar infinitamente quanto ao nível do saber, mas que, por um instante, dá a ilusão de que a relação sexual *pára de não se escrever*? Ilusão de que algo não somente se articula, mas se inscreve, se inscreve no destino de cada um, pelo que, durante um tempo, um tempo de suspensão, o que seria a relação sexual encontra, no ser que fala, seu traço e sua via de miragem. O deslocamento da negação, do *pára de não se escrever* ao *não para de se escrever*, da contingência à necessidade, é aí que está o ponto de suspensão a que se agarra todo amor<sup>1</sup>.

Por que Lacan usa o termo exílio? Que relação abre entre exílio e amor? Podemos pensar o exílio como uma separação do lugar onde se vive, mas que também nomeia, enquadra, o lugar onde vive o exilado. Seguindo essa linha, a não-relação é aquele buraco impossível de cobrir, mas faz à montagem em torno da qual se tecem os seres falantes, tanto do ponto de vista da separação desse lugar por sua impossibilidade estrutural, quanto do lugar onde passa a viver em tanto exilado dele.

---

<sup>1</sup> Lacan, J. *O seminário, livro 20, “Mais ainda”*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. pp. 198-199.

Prévio à citação, Lacan formulara: "Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes"<sup>2</sup>.

A palavra suporte é sustento e também registro material onde algo se escreve: marcas, pegadas do impossível com relação ao saber inconsciente. Na escolha amorosa, há um certo reconhecimento enigmático dos seres afetados por esse saber inconsciente. Mas é interessante notar que, nesse saber, não se trata das formações do inconsciente em geral, mas especificamente das marcas, dos traços no ser falante de seu exílio da relação sexual.

Então, o que se situa em resposta a esse impossível na relação sexual? Sintomas, afetos ... e o amor em tanto *encontro entre ditas marcas*. Há letras no amuro: algo cessa de não se escrever por um tempo. E é preciso, cada vez, atravessar o muro da linguagem para que algo cesse de não se escrever. Em todo amor haveria essa ressonância contingente entre meio dizeres inconscientes que não se recobrem, neste sentido, todo amor comporta algo de novo...

Exilados do inconsciente

Da “nossa citação”, temos destacado o termo ilusão. A ilusão parece funcionar como um operador entre o amor e o exílio, permite a passagem e a transformação do contingente no que é necessário, permitindo uma inscrição no destino de cada um. A ilusão é a ficção que veste o amor e lhe dá seu cenário, aquilo que permite se emprestar ao jogo e consentir ao engano do amor.

Em contraponto, a série "The One" trata da ficção onde, a partir do DNA de um fio de cabelo, pode-se encontrar o parceiro no amor ao qual se está geneticamente destinado. Tentativa de escrever a relação sexual via a coincidência do material cromossômico. Embora seja interessante destacar que algo fracassa: a criadora da técnica não consegue fazer o *match*; encontra-se com o impossível do amor.

Algo dessa ordem também acontece nos aplicativos de encontros. Sob as premissas "conheça o seu verdadeiro amor", "o amor no seu bairro", "um relacionamento sério", "encontros secretos", toda uma gama de fórmulas do Tinder, todo sob medida para o *match*.

Isso nos permite questionar: o que vem no lugar da ilusão nos laços contemporâneos?

---

<sup>2</sup> *Ibid.* p. 197. Em espanhol o enunciado é: "Todo amor se soporta..."

Entendemos que a cifra devém o modo de ilusão contemporâneo de extrair as contingências do encontro amoroso: tudo cifrado, tudo calculado. Características do século XXI, o século da biologia e o Big Data. Lacan o antecipa de maneira brilhante:

Que não haja relação sexual isso eu já fixei sob a forma de que não há nenhum modo de *escreve-la*, atualmente. [...]Podemos fazer ficção científica, certo? Experimentem essa. É difícil de escrever, mas, por que não? É assim que se faz avançar as coisas<sup>3</sup>.

Assim mesmo, o empuxo da tecnociência e a criação ilimitada de objetos de consumo no mercado criam a ilusão de que é possível encontrar o objeto na própria realidade. Chamamos de “realização” a esses modos de compensação pela via de um objeto real, de um déficit nos signos de amor do Outro.

Tentativas de escrever a relação sexual, de suturar a hiância. Tentativas de se exilar do inconsciente. Mas o inconsciente não pode ser incluído em nenhum algoritmo: ele irrompe, certamente de maneira compulsiva, aí onde a sua crença não é consentida.

Miller<sup>4</sup> propõe distinguir modalidades do amor que sustentam gozos mais relacionados a fazer existir a relação sexual que não há, e de outra, a da escrita da carta de amor, que em sua dimensão paradoxal, está a um só tempo mais próxima e mais longe, se apresentaria em outra relação topológica. Essa indicação constitui uma possibilidade de conceber um regime de amor mais próximo e aberto à contingência, do que aqueles que surgem do deslocamento para a dimensão necessária? O novo no amor na via da análise, poderia ser pensado como topologicamente mais próximo à não-relação, ao real como contingente.

Sabemos que no seu último ensino, Lacan estabeleceu para a psicanálise um real da contingência, relacionado com o saber da não relação sexual. Trata-se do saber como invenção: se a operação de escrita em uma análise é a que opera o deslocamento do gozo do sintoma a um regime de gozo distinto, aberto à dimensão contingente, pode-se afirmar que dita escrita abre possibilidade de um novo gozo no amor. Sobre isso tratam vários testemunhos de passe.

No que se refere ao início de sua primeira análise, O. Ventura em seu testemunho se refere ao instante de despertar que o exila da repetição, dando lugar à instalação da transferência em sua vertente libidinal e simbólica: algo novo no amor, inclusive nos começos da análise.

---

<sup>3</sup> Lacan, J. *O seminário, livro 18, “De um discurso que não fosse semblante”*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. pp. 77-78.

<sup>4</sup> Miller, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 213.

Podemos dizer amor ao inconsciente, juntamente com a ilusão de se prestar ao jogo do inconsciente, ao jogo da transferência.

### Exilados do amor

A via da melancolia nos introduziu na clínica do exílio do amor. Nela, o objeto *a* "comanda" porque sua extração não operou. Se todo amor está narcisicamente estruturado, o objeto se articula na própria estrutura do eu ideal:  $i(a)$ . Nesse sentido, a melancolia é paradigma do amor morto na psicose.

Um menino de 12 anos, com uma grave adição, apresenta-se dizendo que não sabe se é real, se está vivo ou morto. Essa posição inicial se comove ao se perguntar pelo fazer do analista. Desenhar grafittis passa a ser seu estilo de vida. Aí escreve seu nome, um que não vem do Outro senão que toma do Outro social (do anime). A repetição da sua escrita nas paredes – mais além de vislumbrar a intenção de se fazer visível para o Outro - parece iterar na tentativa falha de escrever algo que não está inscrito, enquanto acéfalo de uma enunciação fundante. Se o nome que enoda não está fundado no Pai, que há do amor e como ele incide no laço com os outros? Nos interrogamos sobre o amor de transferência em sua vertente real, operando na passagem de adito às drogas à adito ao grafitti.

Trabalhamos também o caso de uma mulher, incrédula do amor, isolada e com ideias suicidas. Aos 11 anos soube que a vida não tinha nenhum sentido. Como operar nesses casos, diante de sujeitos que se apresentam por fora do amor, por fora do senso comum, dos semblantes, quando, pelo viés da transferência, o saber é o grande ausente? Face a uma afetação permanente, será a análise que irá produzir um traço do exílio?

Se servindo do interesse da paciente pelo latim, uma intervenção da analista que a consulta sobre um termo usado por Lacan "*Dé-sideração*", lhe permite uma invenção sutil: Investigar o estatuto do amor em escritores latinos, configurando-se para ela em um aparelho para tratar suas paixões.

### Um amor exilado

Um lugar interessante para continuar investigando a relação amor-exílio é a sexuação feminina. Miller, em "A fuga do sentido"<sup>5</sup>, escreve que do lado mulher das fórmulas de sexuação se preserva uma relação singular com o Outro como tal, sob a forma do significante (SA/ ), que introduz modificações no estatuto do Outro completo. Essa relação preservada desenha no horizonte um gozo que comporta uma abertura ao Outro. Um gozo que estaria em si próprio misturado com o amor, que seria como um misto de amor e gozo. Um amor exilado?

Nessa direção, ao se referir à economia dos gozos e o feminino, G. Musachi<sup>6</sup> introduz uma dimensão do exílio em disjunção não excludente com a felicidade. A felicidade-falicidade do gozo é chamada de a-sexual por Lacan, uma vez que está em jogo o objeto *a* da pulsão. Ao introduzir o exílio para abordar o outro gozo, o chamado gozo feminino, Musachi propõe uma perspectiva interessante. Se serve do filósofo grego Plotino, para quem o exílio é o desterro "de um sozinho para um sozinho", ou seja, não é só um penar, uma perda, mas um direito, um plus que abre as comportas para um tipo de felicidade comparável a um gozo que se emparente com o gozo místico. Desta maneira, *phylge* (exílio) adquire um valor de gozo que excede o da felicidade-pulsão e se associa a um partir como escolha soberana. Trata-se de uma apropriação mais do que uma expropriação.

No testemunho de P. Monribot, encontramos a referência a um novo estatuto do amor. Lá, ele nos apresenta um amor que não funciona mais como uma "tampa buraco" da não relação, mas que a bordeja. Se bordeja o buraco, tem o valor de ser uma solução de saída que participa do sintoma, que é uma criação, já que do que se trata é de inventar novas regras, as de cada um. A dignidade do novo amor é com o exílio.

"Exílio, não poderia haver termo melhor para exprimir a não-relação"<sup>7</sup>.

Com esta frase contundente, Lacan expressa uma conclusão. No entanto, sabemos que ao longo de seu ensino declinará de muitas maneiras esse "não há". Percorreremos algumas delas, notando que, efetivamente, não se encontra a ideia de exílio, nem se aborda o amor como

---

<sup>5</sup> Miller, J.-A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós, 2012. Cap. XI.

<sup>6</sup> Musachi, G, *Mujeres en movimiento*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011. pp.98-101.

<sup>7</sup> Lacan, J. O *seminário, livro 23, "O sinthoma"*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 68.

tratamento do mesmo: Lacan apresenta o que “não há” do lado do sujeito, da falta a ser e não do "falante" como o faz em nosso parágrafo inicial do seminário *Mais, ainda*.

Por exemplo, em “Posição do inconsciente” (1965), ele escreve:

A pulsão, como representante da sexualidade no inconsciente, nunca é senão pulsão parcial. É nisso que está a carência essencial, isto é, a daquilo que pudesse representar no sujeito o modo, em seu ser, do que nele é macho ou fêmea. [...]

O que nossa experiência demonstra de vacilação no sujeito, no tocante a seu ser de masculino ou feminino, deve ser menos relacionado com sua bissexualidade biológica do que com o fato de não haver nada em sua dialética que represente a bipolaridade do sexo [...].<sup>8</sup>

Com os termos exílio e falante, Lacan bordeja o assunto em jogo, não tanto desde a falta de um significante que responda à pergunta pelo ser ou pela procriação, senão colocando que a hiância que introduz a não proporção sexual, deixa traço a nível do corpo e do gozo. E aqui acima o amor. Trata-se do “falante”, que logo será o *parlêtre*, termo ligado ao mistério do corpo falante. A análise nos ensina que entre os afetos privilegiados desse corpo falante se encontram o amor e a angústia. Mas enquanto que a angústia é um afeto desprazeroso que comove a unidade do corpo, o amor é o afeto que entusiasma e anima o corpo. Claro que existem amores angustiosos, são aqueles que tratam de resolver o que não há.

A psicanálise, advertida de que em cada uma das formas do que há (pulsão, amor, angústia, desejo) está o traço do que não há, põe em jogo um novo laço social que não desconhece em cada "há" o traço que tem inscrito. Traço do muro entre o gozo e o Outro.

Amor e exílio, um par ímpar

Amor e exílio, um par ímpar, um par disparatado, diz o título da nossa conversa, incluindo de início a não-relação aí.

Lacan, no Seminário 8, coloca a transferência no coração da experiência analítica, sublinhando que a abordará em sua disparidade subjetiva. Interessa-lhe o que esta experiência tem de ímpar, porque é justamente aí onde reside o mistério da questão. Lembra que o começo se funda no amor entre um homem e uma mulher, Breuer e Anna O., destacando que é a atitude que adota

---

<sup>8</sup> Lacan, J. “Posição do inconsciente”. IN: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. p. 863.

Freud o que permite que ele se converta no amo do temível pequeno Deus, ao contrário de Breuer, a diferença de Breuer, a quem Eros golpeia obrigando-o a fugir.

Na citação do Seminário 20 da qual partimos, o amor aparece como o arranjo pela via do inconsciente, à relação sexual que não há. Do encontro contingente com o outro, o sujeito não deseja saber demais. O ser só se sustenta errando, assinala Lacan, acrescentando que no mais extremo do amor isso se desconhece e se aponta a abordar o ser, com a conseqüente deriva para o ódio.

Seguindo essa leitura, pode-se pensar que convém que o amor preserve sua cota de exílio e contingência, - "deixar que esses poros respirem" - para se servir de uma boa maneira da ilusão.

O percurso de uma análise, tal como nos ensinam os testemunhos do passe, adverte ao analisante sobre o inevitável exílio do Outro, bem como sobre o exílio impossível de *Lalangue*. Consentir com a disparidade que propõe o amor transferencial, advertido da não-relação em jogo, possibilitará ao ser falante a invenção com o disparatado de seu gozo e a obtenção de uma satisfação mais amável.